

Anno 10<sup>o</sup> = Num. 113

Vol. 11 = Num. 4

# REVISTA ESCOLAR

— DO —  
Instituto de Humanidades

DIRECTOR

Joaquim da Costa Nogueira

CEARÁ — ABRIL — 1914

## SUMMARIO

### DIDACTICA:

A EDUCAÇÃO NOVA—A. Drummond; PAGINAS ARIDAS—Od. Castello Branco; IDIOMA RUSTICO—Julio C. Monteiro; AS LETRAS MAIS PROXIMAS DO P., QUANTAS SÃO AS LETRAS DO ALPHABETO PORTUGUEZ?—J. Baptista Perdigão de Oliveira; HISTORIA UNIVERSAL—Dr. Raymundo F. Ribeiro; Y TREMADO—Dr. da Roça; PENSAMENTOS, VINHÊTAS.

### VIDA ESCOLAR:

LITTEATURA INFANTIL: QUE SERIA...—J. Nogueira; CIVISMO, PORTUGUEZ, (exercicios), CIDADES DO BRASIL, ILHAS DO BRASIL, CALCULOS MENTAES, CHRONOLOGIA. BOA LEITURA—Professores e Alumnos do Instituto.

### NOTAS DIVERSAS.

Sunt sua proemia laudi

‘Ceara’ — Fortaleza

◆◆◆ Typ. Escolar ◆◆◆

RUA SENNA MADUREIRA—N. 113A

1914

# Revista Escolar

Publicação mensal do  
Instituto de Humanidades

Impressa na TYP. ESCOLAR

DIRECTOR:—JOAQUIM DA COSTA NOGUEIRA

REDACTORES: Os professores (Lições didacticas, Pedagogia, etc.)  
COLLABORADORES: Os alumnos (composições, descripções, invenções, jogos de espirito, etc.).

## Assignaturas

POR UM ANNO . . . . .	6\$000
NUMERO AVULSO . . . . .	\$500

## Pagamento adiantado

Em qualquer tempo que se tomem assignaturas serão entregues os numeros atrasados

Cada um que enviar á redacção da Revista Escolar uma lista de 5 assignaturas com a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura grátis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director do

INSTITUTO DE HUMANIDADES

CEARA'—FORTALEZA

*Rua Senna Madureira, 113-A*

## Publicações do Instituto

Á VENDA NA TYP. ESCOLAR

Anno Escolar 1908 2\$000

Anno Escolar 1910 3\$000

Lições Progressivas de 1<sup>as</sup> Letras 1\$000

Collecções da Revista Escolar:

1906, 1908, 1910, 1911, 1912 e 1913, cada

uma, brochada 6\$000

# REVISTA ESCOLAR

DO

Instituto de Humanidades

DIRECTOR—Joaquim da Costa Nogueira

ANNO X

Num. 113

Fortaleza, Abril de 1914

VOL. XI

Num. 4

## A EDUCAÇÃO NOVA (\*)

Subordinado ao mesmo titulo de um livro de Demolins—elegante e copioso de idéas—Cyridião Buarque, sapiente professor de pedagogia da Escola normal de S. Paulo, trabalhara 142 paginas de um bem concebido opusculo.

A *Educação nova* é um *recueil* de estudos pedagogicos, feitos em epocas diversas, porém com a unidade de vistas das produções dos espiritos superiormente aparelhados: é u'a Memoria apresentada ao segundo *Congresso brasileiro de educação e ensino*, reunido em Bello-Horizonte, e uns artigos sobre interessantes ramificações do problema educacional, publicados na imprensa da Paulicéa.

Se em uma ou outra minucia discrepo de Cyridião Buarque, incondicionalmente bato palmas a quasi totalidade de suas opiniões.

\*  
\* \*  
\*

Os processos psychogeneticos vão gradativamente eliminando todas as rebarbas do problema educativo. Dia a dia um novo contingente scientifico aclara u'a hypothese obscura. Hontem era a psychologia experimental que fazia ruir carunchosos methodos; hoje é o hypnotismo que nos vem mostrar que os vicios organicos e os factores e mesologicas podem ser minorados ou extirpados.

As observações de BERILLON (*De la suggestion envisagée au point de vue pedagogique*) e LADAME (*L'hypnotisme et la pedagogie*) revigoraram e remodelaram a pedagogia.

FAJARDO, num dos eruditos capitulos do seu *Tratado de hypnotismo*, denominado: *O hypnotismo em pediatria e pedagogia*—com exuberancia de argumentos—demonstra a influencia

(\*) Devo a superna gentileza de Joaquim Nogueira a offerta, em nome do autor, do mimoso volume de Cyridião Buarque.

beneficiadora da acção hypnotica na orthopedia moral e intellectual das creanças e chega a este corollario:

«Ha creanças que comprehendem a necessidade do estudo e promettem a cada instante com convicção, dedicar-se, e não o fazem! Pois bem, não será isto resultado do enfraquecimento da mais alta manifestação do organismo—*a vontade!*? Um agente que influisse sobre ella, como a suggestão, daria a esse estado de abatimento da impulsão voluntaria, a força que lhe falta: a creança teria vontade, *poderia querer*. Quando se apresentará creança os objectos que podem mais lhe attrahir a attenção, o que se faz senão suggerir idéas de analogias mais ou menos proximas, etc., de maneira que venha em seguida a idéa cada vez menos concreta, até chegarmos a manifestações abstractas, entre as quaes está a idéa da vontade?»—*Obra cit.*—pag. 260.

Jogando com todos os elementos que a ethnographia, a psychologia e a sociologia emprestam ao pedagogista e ao pedagogo de sciencia e de labor—Cyridião Buarque capitula os oito assumptos de sua these: I—*Objecto da educação entre os anglo-saxões—actividade physica e pratica*; II—*Objecto da educação entre os anglo-saxões—actividade especulativa*; III—*Processos e methodos da educação anglo-saxonia—meio educativo—educação physica*; IV—*Processos e methodos da educação anglo-saxonia—educação mental*; V—*Caracteres intrinsecos da educação anglo-saxonia*; VI—*O character fundamental da educação nova*; VII—*Os factores sociaes da educação nova*; VIII—*Necessidade brasileira da educação nova*.

Não tentarei—nesta noticia—analizar particula a particula d'A *Educação nova*, porque—além de ousadamente invadir seara alheia aos meus parquissimos estudos—forças me fallecem para algo dizer competentemente sobre o livro que me foi offertado.

\*  
\*  
\*

Os systemas educacionaes da America e da Inglaterra — não ha negar — produzem opimos fructos, são vigorosamente scientificos, são praticos, são uteis ao individuo e á sociedade. Vejo, porém, barreiras intransponiveis para sua adaptação no Brasil: a diversidade de raças, de costumes e de tradições.

São notaveis predicados dos anglo-saxões o acendrado amor pelas tradições, o culto extremado pela sua individualidade: o amor proprio. Caracteristicos outros, perfeitamente antagonicos, são os dos latinos.

A glaciariidade do anglo contrapõe-se á incandescencia do latino; a desprezenciosidade do britannico tem como contraste a vaidade do latino.

Não ha nos latinos «esse *amor de outrem*, revelado na grande veneração que se nota dos filhos aos paes; na veneração aos mestres, de causar estranheza a um professor francez (Dagard—*La société en Amerique*—pag. 217—); no patriotismo intenso e sincero de que é um exemplo e u'a das formas, a veneração do povo inglez ao seu soberano: esse *amor de sí* que se traduz no vigorosissimo sentimento de dignidade pessoal, inspirado á creança e conservado pelo homem feito, e que inspira outros sentimentos, como um grande respeito de si mesmo, o horror á mentira.»

A mentira, se para o anglo é peccado dos mais vergonhosos, para o latino é ventura excelsa, é *finura* de espirito.

Um dos maiores erros dos nossos legisladores consiste em não attender a differença ethnographica.

A tradição—essa louvavel peculiaridade do povo britânico e que absolutamente não priva o seu evolver—tem sido para os latinos, especialmente para nós brasileiros, um poderoso entrave na caminhada progressiva.

Os processos educativos da Inglaterra e da Norte-America são inclinataveis em o nosso meio.

Quantas increpações não soffreria o pedagogo que no seu educandario impuzesse ao alumno, como regimen de poupança, servir-se numa refeição da comida deixada no prato na refeição anterior; que obrigasse o educando a servir de faxineiro, como no collegio de Wellesly aonde as jovens doutourandas praticam todos os serviços domesticos!!

Qual seria o pae no Brasil—não se tratando de instituto de ensino destinado aos indigentes—que consentiria seu guapo meninote ou sua graciosa moçoila—fazer serviços no collegio em que estivesse matriculado como pensionista?

Se os exercicios phisicos, tão uteis á saude, á belleza organica, ha quem os condemne, quem os maldiga, já havendo mais de um livro publicado, negando os vantajosos effeitos dos *sports*, o que se poderá dizer de habitos collegiaes, muito condizentes com a nossa indole, com os nossos costumes, com o nosso temperamento?

A persistencia da campanha de que Cyridião Buarque é arauto, alguma cousa de bom ha de trazer; por ora é u'a pretenção altamente louvavel de um espirito selecto.

\*  
\* \*

O abarrotamento de noções theoricas, em vez da ministration de conhecimentos praticos, tem sido u'a das determinantes de nossa inferioridade, do nosso atrazo no concerto universal.

O artista, por mais rico que seja o seu intellecto, é sem-

pre olhado sem a reverencia prestada a um diplomifero, a um doutor de renome em letras.

Gaba-se o talento, aprecia-se a obra d'arte, precedendo-se ou succedendo-se, porém, de u'a desalentadora ou escarnecedora phrase. *E' um artista. E' um operario.* Como se mais nobilitante não fôra manejar um cinzel, um esquadro e um compasso do que u'a penna enferrujada e perra.

O industrial e o artista, se aos olhos dos anglo-saxões são merecedores de incentivos e de laureis, em as nossas terras são olhados indifferentemente ou de soslaio.

Dizer a um dinheiroso ou a um guindado ás cumiadas sociaes que, em lugar de mandar o filho para u'a academia, para u'a universidade, é preferivel alistal-o numa officina, é profundamente ferir a susceptibilidade desse cidadão.

\* \*

O amor ao paiz natal é innato; recrucece, porém, com o estudo da lingua materna.

Muitos dos nossos patricios cuidam primeiramente de conhecer o allemão, o francez, o inglez, o italiano e o hespanhol do que se tornaram sabedores do vernaculo. Outros sabem adiantadas noções de cosmographia, de chorographia, de geographia, de historia universal e de historia patria, de sciencias physico-naturaes e desamam as riquezas da lingua de Herculano e de Castilho, quando desamar o idioma é esquecer a personalidade, é abrir lascas no seu proprio territorio, é violação mais ultrajante aos sentimentos de patriotismo, e na phrase inimitavel e castiça de RUY BARBOSA «uma raça, cujo espirito não defende o seu solo e o seu idioma, entrega a alma ao estrangeiro antes de ser por elle absorvida.»

Devemos, antes de conhecer as linguas estrangeiras, descobrir as innumeraveis bellezas do vernaculismo.

\* \*

Os jogos athleticos e os *sports* são caractéres intrinsecos da educação.

Cyridião Buarque é razoavel, é inconfutavel, neste dissertar: «Nos *jogos naturaes*, a creança; nos *jogos athleticos*, o adolescente; e nos *sports* propriamente dictos, o moço e o homem feito—executam os movimentos por sua *actividade propria*. Elles empregam o maximo da sua actividade, a sua *actividade toda, quantitativa*. E não só está interessada no jogo a actividade physica, como a actividade mental e, portanto, a *actividade toda, qualitativa*.

«O jogo é antes de tudo um motivo de prazer, prazer mais espontaneo na creança, mais reflectido no adolescente e no adulto. E o prazer é o maior excitante do nosso systema nervoso, systema que dirige a actividade physica e sustenta a acti-

vidade mental.

«O factor essencial do desenvolvimento physico é o exercicio (neuro-muscular), affirma num dos mais completos estudos sobre a educação physica o dr. Hartwell, antigo director do ensino physico nas escolas publicas de Boston (*Report—1897—8—Bureau of Education—U. E. Chap. XII*).

«Todas as funcções do corpo se activam nos jogos physicos, ao mesmo tempo que se empenham nelles gradualmente o sentimento e a emoção, o pensamento e reflexão.»—*A Educação nova*—pag. 52.

A educação só é proveitosa havendo perfeito equillbrio do desenvolvimento physico com o desenvolvimento mental.

\* \* \*

Aperfeiçoar a actividade mental e deixar que se atrophie a actividade physica, é um absurdo, é a confissão tacita da ignorancia dos principios mais sabidos de pedagogia.

\* \* \*

Não posso subscrever um só dos conceitos terminaes do experiente pedagogista.

A politica de fraternização dos povos da America, diz Cyridião Buarque, clama por um ideal de educação commum a esses povos.

A confraternização americana é uma patarata que a historia do continente de Colombo contradiz exhibindo uma serie de factos indesmentiveis.

A maneira por que se cuida do ensino em S. Paulo—o estado do Brasil aonde a instrucção publica e particular é distribuida com seriedade e criterio e que maior verba orçamentaria destina á educação dos seus habitantes—não póde fundamentar, ainda assim, as proposições do preeminente educador. S. Paulo, que muito se avizinha da verdade, não perfilhou totalmente os ensinamentos do insigne pedagogista.

\* \* \*

Os artigos e os discursos que completam o livro de Cyridião Buarque são todos tendentes a justificar o grandioso ideal por elle ardorosamente defendido—*a educação nova*; são todos testemunhadores da archipotentosa cultura do professor da Escola normal de S. Paulo—astro de luz propria no firmamento pedagogico do Brasil.

\* \* \*

Cyridião Buarque ha de perdoar o arrojo com que desaplaudo algumas de suas autorizadas considerações, vendo nos meus dissentimentos o franco sentir de um interessado ledor de sua—*Educação nova*.

Antonio Drummond

Itapipóca.

## PAGINAS ARIDAS

(Francisco Ferreira dos Santos Azevedo—Goyaz—Typ. do «Estado de Goyaz—1913.)

PAGINAS ARIDAS...

Nada disso; e a prova está neste summario:—*Quantidades negativas*—*Chronologia*—*Ambiara*.

Por ahí se vê que não faltam ao livro, para amenizarem as questões numericas, historias selvagens com idilios á sombra da floresta virgem, rapto de môça indiana, frechadas e encontros de tacapes. Semêem-se por todo elle sabias citações latinas, alem de uns tantos vocabulos carajás, e ter-se-á o livro PAGINAS ARIDAS que me enviaram da REVISTA ESCOLAR, por saberem que eu estou de cama, ha dias, doente do corpo e mais ainda do espirito. Já é perversidade!

Comecei pelo fim. Ambiara é uma Iracema das margens do Araguaya; e Paulo o seu «guerreiro branco», sem a belleza heroica do outro, porem mais simples, mais humano. Tambem não lhe pende da cinta nobre espada: é simplesmente soldado num presidio; monta guarda; faz, provavelmente, a fachina do quartel; e, para ver sua *ella*, engana o superior, pretextando caçadas, afim de obter licença.

Odio de raça impede a união dos namorados, principalmente depois que um filho das selvas, destemido e forte, quer que por elle desate a virgem a sua *decubité*.

Depois uma igarité ligeira vôa sobre o Araguaya, rumo do presidio, enquanto os passaros, nas ramadas, suspendem seus cantares e emmudecem, invejosos da felicidade de Paulo e da belleza de Ambiara que, ao seu lado, foge do lar paterno para o ninho quente do amor.

Segue-se ao rapto a vingança; vingança de selvagem, lucta horrivel como devia ser naquellas eras de 1813, nos perdidos sertões goyanos, entre os senhores das matas e o branco intruso que lhes roubava as terras e matava os filhos.

Confederação de tribus, assalto energico ao presidio e mortes, muitas mortes, muito sangue; morte de Paulo, fuga dos brancos sobreviventes, accidentes da fuga, naufragios, penurias, morte de Ambiara e... ponto final; que já era tempo, sob pena de eu não ler o resto.

E' um poemeto em prosa, mas numa prosa bôa, cantante como deve cantar o Araguaya, querido de Magalhães, acarinhando as praias nas enseadas mansas onde as Ambiaras vão mirar-se nos espelhos liquidos e esperar os Paulos caçadores.

Com elle, quiz o autor, um goyano patriota que parece amar immensamente o seu torrão natal, festejar o primeiro centenario do ataque dos selvagens ao presidio de Santa Maria do Araguaya e «render preito sincero

aos herões dessa obscura odysséa sertaneja.» A intenção é nobre; e digna de elogios.

A leitura, porém, desta parte do livro preparou mal meu espirito para entrar pelas outras: de facto, não é das melhores coisas, depois da historia de Ambiara, metter-se a gente pelos algarismos; mal fiz eu, e o confesso aqui, em não ter seguido na leitura a ordem que o autor seguiu na disposição dos capitulos do seu livro.

Felizmente vêjo, para mim, fechada a porta da CHRONOLOGIA; e bem a fechou o autor com a publicação de uma carta de autoridade respeitavel. Tal documento estampado ali, vale por um cartaz, com esta intimação em letras gordas: *para traz, critico profano!*

Assim, de chapéu na mão, quero dizer, com todo respeito, percorri o capitulo segundo das PAGINAS; fechando os olhos para a mim mesmo explicar certas obscuridades, ou dizendo, a cada instante, quando a tentação me vinha de aventurar uma nota á margem: *lembra-te do sapateiro e do pintor!*

Resta somente a primeira parte—QUANTIDADES NEGATIVAS.

E' a velha questão, tantas vezes morta, sempre renascente; e muito longe ainda irá, talvez, sem que se esgotem os argumentos em que tão fértil se mostra a chicana do signal menos.

Só entre nós, nos ultimos tempos, muito se tem escripto sobre o assumpto não desdenhado pelos nossos mestres mais conspicios.

E' o inolvidavel Benjamin Constant, com a sua THEORIA DAS QUANTIDADES NEGATIVAS—*Petropolis, 1868*; é o distincto professor Major Silva Pereira com as REFLEXÕES ACERCA DAS QUANTIDADES NEGATIVAS com que illustra seus magnificos ELEMENTOS DE ALGEBRA—*Bahia, 1868*; é o douto mestre major (hoje general) José Faustino com a sua MEMORIA SOBRE AS QUANTIDADES NEGATIVAS—*Fortaleza, 1892*; o então Tenente Tertuliano Barreto na sua NOVA THEORIA DAS QUANTIDADES NEGATIVAS que fazem honra aos primeiros treze numeros d'OS ANNAES—*Outubro de 1904 a Janeiro de 1905*,—Rio; seguido de Freire Jucá em 10 numero 14 da mesma revista; é, finalmente, Santos Azevedo—com estas CONSIDERAÇÕES GERAES SOBRE AS QUANTIDADES NEGATIVAS, primeira parte das PAGINAS ARIDAS—*Goyaz—1913*.

Eis ahi uma pequena bibliotheca de autores nacionaes sobre esse assumpto, se quizermos citar somente os que têm ou presumem ter ideias proprias a tal respeito; de outro modo, muito maior seria a lista. Quem quizer ter, sobre a materia, uma bibliographia, senão completa, ainda assim respeitavel, recorra ás citações que vae fazendo cada um delles, de autores em que se apoia ou de quem se declara adversario.

Tantos autores quantos modos de pensar, não faltando, bastantes vezes, rociocinios desses que vêm, como diz Hoeffler, «pourembrouillerune question.»

Todos, porém, menos o ultimo desses autores nacionaes, consideram as quantidades negativas maiores do que zero; o ultimo prende-se á velha escola e sustenta o contrario.

A' velha escola? Mas estão aqui, modernísimos, ao alcance da mão: Henri Padé—*Premières leçons d'Algèbre elementaire*, Tannery (Jules) *Leçons d'Arithmetique*; Bourlet—*Leçons d'Algèbre*; Emile Borel—*Algèbre...*

Fiquemos por aqui. De um e de outro lado ha gente; e nos devemos conter nos limites rigorosos da nossa pequenez, relacionando-nos unicamente com os mestres que não duvidam descer até nós, pondo essas coisas ao nosso alcance; não tentemos investir as regiões mais elevadas onde ainda os *negativos* se apresentam pedindo interpretações.

Fiquemos por aqui; a sociedade é boa. E guardando connosco os ensinamentos que possamos tirar de suas contendas, demo-nos por felizes com a honra que nos concedem e não averturemos apartes extemporaneos. Mais altos vãos eu não acompanharia; nem o leitor que se confiasse ao poder das minhas azas.

Commissionado pela REVISTA ESCOLAR para apresentar aos seus leitores o livro PAGINAS ARIDAS do Sr. Santos Azevedo, a quem não dou aqui um titulo para não o confundir com muita gente incapaz, limito-me a dizer: «Meus senhores, correm mundo as PAGINAS ARIDAS do Sr. Francisco Ferreira dos Santos Azevedo.»

Se alguém vier pedir minha opinião pessoal, sobre o livro, sempre lhe direi sinceramente: «Haverá melhores; mas incontestavelmente não faltarão peores. Eu o julgo bom; e tanto que não devolverei á REVISTA o exemplar que, de lá, me veio. E' meu; muito meu, que bem o ganhei com muito trabalho.

E, por falar em trabalho, já tenho escripto muito; verdade é que não cheguei a dizer, ainda, cousa que se aproveite.

Ceará, Março de 1914.

Od. Castello Branco

(Director do Instituto «Miguel Borges»)

## IDIOMA RUSTICO

### Outras fórmias dialectaes cearenses

(Continuação)

#### Ditados

*Ditado* é um dito ligeiro, popularrissimo, que vem a proposito de tudo e que em toda phrase é cabivel, quando se *chalacêia*...

A's vezes fazem época os taes ditados.

Vejâmos alguns dos que nos estão ao alcance:

«E' só massa e côco»..., dizia-se quando se queria mostrar a excel-

lencia de uma cousa; «sai cinza e morre gado»!—para exprimir que num tal acontecimento (festa, por ex.) haveria muitas novidades, grande expalhafato, etc. Observe-se que esses dois ditados são anteriores a 1877, e o povo (que aproveita tudo) diz, que, tanto falaram em *massa e côco*, até que por fim nos veio a grande secca de 77 (a que chamam «a secca grande»), na qual foi obrigado a comer *massa* de mucunã e *côco* de

palmeira.

Adverta-se que já na secca de 1825 os cearenses se viram na necessidade de comer «massa de carnahúba, raizes de moconan, e de outras batatas bravas, para se sustentarem», conforme as «interessantes Memórias do professor Manoel Ximenes de Aragão», publicadas no tomo XXVII da *Revista Trimensal do Instituto do Ceará*, sob a compettissima direcção do Exmo. Snr. Dr. Barão de Studart.

«Sai cinza e morre gado» quer dizer que, por causa da mesma secca, da terra resequida, crestada pelo sol ardente, saía poeira e que todo gado existente morreu á falta do pabulo necessario; depois apendicularam a esse ditado uma 2.<sup>a</sup> parte, complementar, tornando-o, de prosaico—poetico: «sai cinza e morre gado e féde a chifre queimado.» Essa ultima parte se pôde ainda referir aos effeitos da grande secca, pois que talvez devido á peste no gado fosse preciso queimar as rezes affectadas do mal para que este se não propagasse: e dahi os *chifres queimados*...

«E dinga»,—cuja traducção parece ser: E diga!

«Não é nada não, é côco...» «Agora danse o côco!» dizia-se *chalaceando*...

«Ah, ah, ai, minha risada!»; «meu bem, estou cortado ahi?» Empregavam esses ditados, num certo estylo cupidico, os derrickos, quando brincavam entre si em tom familiarissimo...

«E' X P T O!» (essas quatro letras, como se sabe, representam a abreviatura da palavra *Christo*) dizia-se para designar uma cousa excellente, superfinal...

«E eu dizendo...», dizia-se quando uma consequencia, de um facto qualquer, estava patente e que não fôra prevenida a tempo ou nella se não acreditára...

Depois lhe acrescentaram uma parte final, rimando com a 1.<sup>a</sup>: «e eu dizendo: cachorro amarrado e o páu comendo...», isto é, que o cachorro além de amarrado, açoitado!

«Isto era no tempo que se amarrava cachorro com linguça», queria dizer nos bons tempos de fartura no Ceará, em que os cearenses não faziam caso de certas cousas, pela grande abundancia que de tudo tinham...

«Estás te vasando!»—dizia-se quando uma pessoa começava a se jactar de qualquer cousa ou a se elogiar ou basofiar, etc..

Você viu o bola? vontade tambem consola!»—dizia-se para significar que nem sempre se alcançava o que se desejava, e por isso se devia ficar consolado ao menos com a vontade...

«E' o que mais se perde no mundo é vontade!» Isto não é propriamente um ditado, é antes um proloquio, mas se diz tambem a proposito de qualquer desejo, quasi irrealisavel, que alguém manifeste...

«Nem eu!»—é um como complemento a tudo que se dizia, então:—Você não gosta disto?—Não.—«Nem eu!»

Depois appareceu, já nos tempos presentes, o popularissimo ditado—«E' o bicho!»

E tanto se falou no *bicho*, dizem, até que por fim appareceu o «jogo do bicho»...

A's vezes o ditado evolve: «E' o bicho» (1.<sup>a</sup> fórmula); «é o bécho»; «é o belécho»; é «o bicho belécho»... Acrescentaram depois: «é o bicho da conversa», invertendo-o, por fim: «é a conversa do bicho!»

O povo gostava muito (quando se maldizia) de falar na *macaca*, e cantando depois a chula: «Macaco, tua mãe morreu»—eis senão quando nos apparece, *encarapitado* num carneiro, um macaco, a andar pelas ruas nos dando espectaculos...

Da mesma sorte se cantou, há pouco, a chula: «Rato, rato, rato, por que motivo tu roêste meu sapato», e logo após os commerciantes começam a vender um novo enfeite para senhôras (sutache) denominado *rabo de rato!* (Que sons asperos! lembramo nos agora do: *o rato rói a roupa*...)

«Não se fale muito numa cousa, sentencia o povo, que, mais cedo ou

mais tarde, ella não appareça...»

Appareceu depois (e tantos outros que não conhecemos—porque os há também *locaes* ou *regionaes*) o «oh, ferro!»—que se tornou muito popular, evoluindo depois para: «oh, ferro, nunca vi tanto aço!».

Em seguida veio o: «Eu sei»—que evolucionou para: «Eu sé!»—mais expressivo ainda do que na 1ª fórma...

Estavamos no: «eu sé!» quando nos appareceu o «pegar na chaleira», que se tornou popularissimo!

Aqui em Camocim se criaram, temporariamente, dois: «A draga» e «Ai Lópes»:—Viste isto?—O quê?—A draga! Mas não transpuzeram ás fronteiras do municipio, crêmos...

«Ai Lópes?» é uma especie de interjeição.

«E diga que é *dinãite*...» usado há pouco tempo pela rapaziada escòvada.

E, por ultimo, leitor amigo, não sabêmos em que sentido, proprio ou figurado, nos veio o: «P'ra burro!»

Há até uma revista theatral intitulada: «P'ra burro».

E vão apparecendo tantos e tantos outros ditados novos (sempre o mais novo afastando da *circulação* o mais velho ou mais gasto), que no final de contas é ditado... «p'ra burro!»

Mas não se impressione muito não, leitor, que tudo isto «é fita...»

E depois «diga que é *dinãite*...!»

Há outros ditos que sempre têm vida, e que podêmos classificar de

Camocim

*permanentes* (ao contrario dos *ditados*, que desaparecem depois de um certo tempo de vida), como: «rente como batente», «certo como bôca de bode», etc., que se dizem sempre de proposito, em occasiões opportunas...

Dentre esses podêmos considerar os ditos: «na ponta» e «na bagagem», os quaes se applicam sempre que se quer dizer que uma pessoa se destaca em 1º plano na exhibição de si propria ou de qualquer cousa, ou na execução de qualquer trabalho, etc. (o mesmo se diz com relação á belleza ou perfeição das cousas); ou, no 2º caso, quando se dá exactamente o contrario...

Ao 1º dito addicionaram uma parte: «está numa ponta sapêcada!»

De todos os ditados de que nos lembrâmos—o mais antigo, que ouvimos em menino, é: «Alto! varêta, quem não pode, não se metta!», o qual nos veio da Fortaleza.

Os meninos tambem têm os seus: «Agüenta, Zé» e outros...

Tambem se diz: «agüenta, nêgradal!»

Há, ainda, uns outros ditos que podemos classificar de *eventuaes* e que depois de um certo curso desapareceram, taes como: «engrossamento» no sentido de *adulação*; e «avacalhamento», no sentido de abastardamento politico, etc..

Usou-se tambem o ditado: *apitou!* que se ampliava: êh! êh! *apitou!*, quando se dizia em fórma de vaia com referencia a uma pessoa que esperava ou contava uma cousa como certa e que esta lhe falhava...

JULIO C. MONTEIRO.

## PENSAMENTOS

Não é por muito falar,  
Que se justifica um réo;  
E nem por muito rezar  
Que o peccador ganha o céo,

Andando de rasto, a cobra  
Traz o veneno comsigo:  
Assim faz o adulador  
Parecendo ser amigo.

Pe. MANOEL XAVIER

## As letras mais proximas ao P

O preclaro cearense, Dr. Heraclito de Alencastro Pereira da Graça, que actualmente, e com muita justiça, é considerado um dos mais abalisados homens de letras, philologos e jurisconsultos, quando mui sabiamente administrou o nosso caro Ceará, fez dar execução, em 1874, á Lei do anno anterior, que estabeleceu nas Provincias as bancas de exames e que ficou conhecida pela *Lei de exames validos*, porque até então os que se faziam nas mesmas Provincias, ainda mesmo em estabelecimentos de Instrucção secundaria, não davam entrada ás Academias, Escolas superiores e Faculdades existentes no Imperio.

Lei de grande alcance e grandes descortinos, pois que abriu as portas do Templo da Instrucção aos moços pobres, cujos pais se achavam na impossibilidade de mantel-os, desde o inicio das letras em terras longinquas, fóra de suas vistas.

Logo nesse mesmo anno de 1874, ou em um dos subseqüentes proximos, o meu amigo e collega do Lyceu (J. F. hoje é um distincto magistrado em nosso Ceará) submettia-se a exames.

No de lingua nacional estava elle fazendo figura; sua prova escripta tinha obtido nota *bôa*, pois que essa fôra a classificação dada a toda a banca, conforme declarára o respectivo presidente, o illustre Dr. Paulino Nogueira, que a prova oral ia ás mil maravilhas.

Tudo já prenunciava um optimo resultado, tanto assim que nós, seus companheiros de aulas e mais collegas de Lyceu, que assistiamos ao exame, diziamos satisfeitos:—*plena! plena!...*

Anciosos esperavamos que elle sahisse da banca para desde logo pagar-nos... a *cerveja*, não, que não bebiamos, mas o *grude* que se vendia na loja da esquina, de propriedade do velho Bomfim.

De um momento para outro, tudo se ia transtornando..., o J. F. *entupigaitou-se* (era o termo da giria estudantal) em uma pergunta simplissima.

Um dos examinadores, aliás já satisfeito pelas boas respostas que elle havia dado, lembrou-se de indagar sobre a classificação das letras consoantes, quanto ao orgão productor da modificação do som por ellas representado.

Promptamente elle designou as *dentaes*, as *linguaes*, as *gutturaes*, etc, mas... quando chegou nas *labiaes*, mencionou apenas o—P—e calou-se.

O examinador exigiu-lhe que mencionasse mais algumas letras para exemplo; o J. F. conservou-se calado.

Aquelle insistiu, dizendo:—Vamos, eu sei que o Snr. sabe; procure lembrar-se de algumas outras letras *mais proximas em som* ao—P—, e mencione-as, o Snr. sabe...

—Mais proximas ao P—? inquiriu promptamente o J. F.

—Sim. Disse o examinador.

—Ora! eu sei, eu sei, nem me lembrava; são o—O e o Q!...

A gargalhada foi geral!..

O examinador aborreceu-se e quiz prejudicar ao J. F.; salvou-o, porém, o Dr. Paulino Nogueira, que fez questão pela aprovação *plena*, á vista das provas exhibidas, e accrescentando que a *resposta tinha muito espirito*.

De facto foi elle approvado plenamente,—como todos os companheiros de banca.

Proclamado o resultado do exame, corremos a abraçar o J. F, levando-o entre abraços e *empurrões*, em triumpho, e no meio das mais francas gargalhadas, á loja do velho Bomfim.

E nesse dia elle pagou-nos—*mui plenamente*, tambem, o *grude*, o apetitoso e saboroso *grude*.

## Quantas são as letras do alphabeto portuguez?

O presado irmão e bom amigo Francisco Perdigão de Oliveira, de inolvidavele grata memoria, leccionava um grupo de companheiros da Thezouraria da Fazenda Provincial, desta capital, que desejavam se apresentar ao concurso para o preenchimento de vagas de lugares superiores daquella repartição.

Em um dia, já no fim das lições, disse-lhes: «Não se aborreçam porque, ás vezes, eu lhes pergunte cousas faceis, que parecem sabidas por todos; é para evitar que succeda com vocês o que occorreu com o J. F.; e referiu-lhes o caso que acima deixo escripto. E accrescentou: «Outro dia li em um jornal francez que um moço em Paris, apesar de fer feito um esplendido exame, foi *reprovado* pelo simples facto de não saber dizer quantas eram as letras do alphabeto francez...»

Mal havia concluido a narração, quando um dos alumnos, o T. R. F., disse mui simploriamente:

—Fallo com toda a sinceridade, Perdigão, sou casado, tenho filhos, estou nesta idade, sou empregado ha muitos annos, mas... fallo com franqueza, *não sei quantas são* as letras do alphabeto portuguez, pois nunca tive a curiosidade de contal-as. Não sei quantas são as consoantes e quantas são as vogaes (!)..

—O que?! Será possivel?! Disse o Francisco, sendo secundado por todos os presentes, pasmados ante tão ingenua confissão.

—E' o que lhes asseguro, respondeu o T. R. F., que perguntou em seguida:—Quantas são?

—Vá perguntar a seus filhos, que estão na escola de primeiras letras, que, estou certo, ensinar-lhe-ão, respondeu o meu irmão, com o applauso dos presentes.

(Do Mosaico Cearense)

J. Baptista Perdigão de Olivera.  
(Da Sociedade de Historia e Geographia do Ceará)

# Historia Universal

PELO Dr. Raymundo Francisco Ribeiro  
Lente da Faculdade de Direito do Ceará

## 3ª LIÇÃO

SUMMARIO: I—Período aureo da cultura grega. II—As artes e em especial a architectura, a esculptura, a pintura e a musica.

Mais do que na politica e nas armas, os gregos foram notaveis na cultura das bellas artes e das letras.

Já os temos estudado sob os dois primeiros aspectos; estudemol-os agora sob o terceiro, reservando o que diz respeito ao ponto seguinte.

As bellas artes, nas quaes mais se distinguio o genio grego, foram—a architectura, a esculptura e a pintura; tendo tambem merecido cultura entre elles a musica, que, só a datar do seculo 16 de nossa era, começou a ter a sua idade aurea.

A arte na Grecia notabilisava-se pela realidade, a imitação franca, natural, simples, isenta das confusões e do mysticismo do estylo dos povos orientaes, principalmente dos egypcios e hindús. Estes e aquelles, pode-se dizer, não tinham regra e harmonia; ao contrario: os gregos excluam todos os elementos heterogeneos um do outro para reunil-os num todo harmonico.

Sem duvida concorria para a perfeição do senso esthetico dos gregos a natureza risonha do paiz em que habitavam.

Ponhamos de parte as primitivas producções artisticas dos gregos, que lembram a arte dos asiaticos, a que pertenciam os primeiros povoadores da Grecia.

Os progressos dos gregos, na arte, tiveram começo nas colonias da Asia.

A admiravel região que habitavam os gregos primava pela belleza; dahi o terem sido despresadas as extravagancias da arte oriental; as estatuas eram esculpidas em sua nudez.

Nessas colonias foram inventadas as duas ordens architectonicas—«jonica» e «dorica»: a primeira era elegante e flexivel e convinha aos munumentos graciosos; a segunda era simples e severa e convinha aos monumentos mais gracis.

O estylo dorico era o verdareiro regulador da architectura entre os gregos, que sabiam tornar os monumentos tão proporcionados nas diferentes partes do seu conjuncto que, pela simples descoberta da parte de um edificio, poderá ser construido o todo.

Não podemos, no estreito espaço de que dispomos, estudar a arte grega acompanhando-a desde os tempos primitivos; mesmo o programma não exige tanto.

Vejamos resumidamente os monumentos da arte grega.

Ordens  
archite-  
ctoni-  
cas.

*A architectura*—Os edificios que passam por serem os mais antigos da Grecia são os muros de Tyryntho (Argolida), attribuidos a Cecrops, que já conhecemos pelo ponto anterior.

Templo de Apollo.

A Erechteu, pae de Cecrops, é attribu ida a fundação do templo de Apollo, em Delos, ilha do mar Egeu, templo maravilhoso por um de seus altares, todo de cornos de animaes e entrelaçados uns nos outros.

Templos de Baccho e Diana.

Hermogenes de Arabanda construiu o templo de Baccho, em Téos (Ionia), de ordem jonia e monoptero, isto é, de uma só ordem de columnas, e um outro consagrado a Diana, em Magnesia (Thessalia), com um portico *pseudo diptero* (de uma ordem de columnas; parecendo duas) de sua invenção.

Templo de Juno.

Voltando á sua patria (Samos), ahí construiu (700) o templo de Juno dos Argonatas, de ordem dorica, que foi destruido pelos persas.

A Hermogenes attribuiram a invenção do nivel, da regua, do ornato circular e da chave ou fecho que fecha a abobada ou arco.

Eupalino de Megara construiu em Samos um aqueducto que passava por um tunnel numa montanha.

Outro templo de Diana.

Ctesiphon de Creta, em 600, fez edificar o templo de Diana, em Epheso, para chegar ao portico (de ordem jonica) do qual subiam-se seis degraus.

Esse ultimo templo, o de Apollo, em Mileto; o de Ceres, em Eleusis (Attica); de Jupiter Olympico, em Athenas, eram os mais afamados pela belleza do marmore.

Egina, Sicyone (Achaia) e Corintho, foram celebres por seus monumentos de architectura.

Ordem corinthia.

A ultima dessas cidades teve a gloria de haver dado seu nome a uma ordem, mais simples, e mais elegante que as jonicas e doricas, que deviam primar pela magnificiencia (500).

As metopes do templo de Theseu, em Athenas, passaram pelas mais antigas ruinas, quando se descobriram as dos templos de Venus, Jupiter e o Panhellenico, na Ilha Egina, no fim do seculo 18; os frontões do ultimo acham-se hoje no museu de Munich, capital da Baviera, na Allemanha.

A Grecia durante a metade do seculo 19 era visitada pelos sabios antiquarios que, nas ruinas dos seus monumentos, iam desencavar preciosidades, que hoje dão renome a muitos museus.

Monumentos diferentes.

A architectura grega não creava monumentos unicamente á divindade; ella embellezava tambem o Prytaneu, em que eram guardadas as leis de Solon; o Pecilo, consagrado á memoria dos herões patrios; os Pinsos, onde se reuniam as assembléas populares; os theatros dos quaes ainda existem maravilhosos restos, maximè em Sicyone, os Propyleus ou entrada da cidade de Athenas, monumentos estes de marmore branco.

(Continúa)

## Y TREMADO

Muitos manuscruentes, ingenuos, costumam pingar o y: porque? Parece-nos que a razão disto é a seguinte: como essa letra grega representa, etymologica e phoneticamente, o nosso *i* latino, o povo pensa que, por ser *i* deve ter *pingo* (porque até em pintura alguns o põem sobre o I maiusculo) e, por lhe parecer que são dois *ii*, por isso lhe sobrepõe dois *pingos*: um sobre cada um dos dois ramos do referido *i grego*, como se foram *ápices*,—tornando-o desta fôrma um *i duplo*, v. g.: *ij*, si bem que *caudato*...

(Aqui, como vê o leitor, nos soccorrêmos, typographicamente a um *i* e a um *j* minusculos, para que, juntos, dêsem a fôrma graphica e unica de um y pingado ou, melhormente, tremado).

Alguns escrevedôres há que só pingam um dos ramos do y, o do lado direito, por ex., que corresponde, na nossa fig., ao *j*. Entendem esses, como é só um *i*...

Neste caso, como em muitos outros, o povo segue a analogia de factos conhecidos...

Doutor da roça

---

# VIDA ESCOLAR

## Literatura Infantil

### Que seria...

Deram-me, em pequeno, para representar num theatrinho de meninos, um papel, cujas primeiras palavras, ao entrar em scena, após a deixa do outro *comico*, que desempenhava um papel mais grave e me reprehendia por ter quebrado umas vidraças, estas palavras: «*Que seria dos vidraceiros se as vidraças não se qaebrassem!*»

Isto, *mutatis mutandis*, pode ser applicado em qualquer outro caso da vida, com personagens mais reas, fóra da scena do theatrinho, onde a cousa não passou de um simulacro de quebramento de vidros, apparentando um desastre com o fim de impressionar a platéa.

Mudemos, porém, de scenario.

Julgue-se o leitor um dos espectadores do caso que passo a narrar e accredite como se estivesse ouvindo... um *phone* ou vendendo uma *fita*.

Figure-se uma das praças mais frequentadas desta cidade, á qual todos accorrem e onde todos se encontram. Ali ha de tudo, tudo se vê, de tudo se participa: cinemas, cafés, *bars*, bonds, avenidas, livrarias, tabacarias e *tutti quanti*...

No passeio em frente á parada dos bonds, um respeitavel cavalheiro acompanhado de dois filhinhos aguarda a passagem do bond que devia leval-o á sua residencia.

Cáe inesperadamente forte chuvisco que os obriga a recolherem-se á tabacaria mais proxima.

Para «matar o tempo» da espera do bond, distrahiu-se o grave senhor a passear os olhos, de esguelha, pelas vitrinas, denotando pouco interesse no que o rodeava.

Isto, porém, foi de pouca duração, porque immediatamente voltando-se para o dono da tabacaria, que no interior estava sentado a ler alguma cousa que lhe absorvia toda a attenção, perguntou-lhe em voz baixa e mui brandamente:

—Para que tem o Sr. isto aqui exposto? E apontava ao mesmo tempo para o que via dentro das vitrinas, por cima dos cigarros e charutos:— esparsos, uns folhetos com gravuras imundas nas capas; outros, abertos, ostentando entre as paginas o mesmo genero, versando todos sobre assumptos immoralissimos que condiziam com as estampas.

—Para vender, naturalmente!

—Não seria mais conveniente tel-os menos expostos?.. As familias...

—As familias não fumam. Aqui só entra quem vem comprar...

—as creanças...

—Ora!... «*Que seria*» de nós se não fossem as creanças! Si são os melhores freguezes!

.....  
A mim não me coube, desta vez, a deixa, porque, com boas intenções, melhormente diria:— «*Que seria dos vidraceiros se as vitrinas não se quebrassem!*»

(Das «Impressões de um mestre-escola».)

J. Nogueira.

#### VINHETAS

Só mesmo um infinito e uma eternidade poderiam conter um Deus infinito e eterno!

Quando os animos populares estão muito agitados, o silencio é o melhor... partido.—GERMANO GARATUJA.

# Civismo

(Continuação da edição de Fevereiro)

- 248—Quaes são as prohibições impostas aos membros do Congresso? (*art. 23*)
- 249—Ha alguma excepção a essas prohibições? (§ 1.º *Art. 23*).
- 250—Em que importa a inobservancia dos preceitos contidos nos artigos 23 e 24?
- 251—Durante as sessões podem os membros do Congresso exercer qualquer outra função? (*Art. 25*).
- 252—Quaes as condições de elegibilidade, exigidas para se ser membro do Congresso Nacional? (*Art. 26*).
- 253—Onde se acham definidos os direitos de cidadão brasileiro?
- 254—Que quer dizer *eleitor* e suas cognatas?
- 255—Os estrangeiros podem ser eleitos para membros do Congresso Federal?
- 256—Quaes são os casos de incompatibilidade eleitoral? (*Art 27*)
- 257—Que se entende por *incompatibilidade*?
- 258—Como se compõe a Camara dos Deputados? (*Art. 28*).
- 259—Dar idéas das palavras: *povo, suffragio directo, representação e minoria*.
- 260—De quantos membros se compõe actualmente a Camara dos Deputados e como se regula o seu numero? (§ 1.º, *Art. 28*).
- 261—Qual a base tomada para o estabelecimento deste numero? (§ 2, *Art. 28*).
- 262—Que é *recenseamento*?
- 263—Tem sido cumprido o que determina o § 2.º do art. 28?
- 264—Qual é a estimativa da população actual do Brasil?
- 265—Verificar a população do Brasil pelo numero de Deputados ao Congresso?
- 266—Será necessario augmentar ou diminuir este numero, em vista do calculo feito?
- 267—Verificar pela população de cada Estado, a mais veridica, as differenças para mais ou para menos do numero de membros da Camara dos Deputados, estabelecido por lei.
- 268—Quaes as deliberações cuja iniciativa compete á Camara dos Deputados? (*Art. 29*).

---

## VINHETA

O vehiculo é a imagem do progresso; o seu destino constante é marchar.—GERMANO GARATUJA.

## PORTUGUEZ

(Exercícios variados)

(Continuação)

34<sup>a</sup>—Formar períodos empregando convenientemente as notações seguintes: a *virgula*, o *ponto e virgula*, os *dois pontos*, o *ponto*, o *ponto de interrogação*, o *ponto de exclamação*, os *pontos de reticencia*, o *parenthesis*; as *aspas*, o *travessão*; *alinça* e *sublinha*.

1—Carlinhos que é um pequeno muito applicado não quer ter duvida nenhuma sobre as diferentes cousas que lhe ensinam no collegio um dia por conseguinte pergunta ao seu papá é verdade que a união constitue a força indubitavelmente então porque é que quando se une a agua com o vinho este fica mais fraco o papá não soube o que responder

2—Quem era o pae de Carlos V Carlos IV muito bem e o de Francisco I Francisco Zero

3.—A' mesa vamos filhinha toma tua sopa não posso ora sempre se pode o que se quer pois bem então não quero

4—O Henrique é um rapaz bastante máo Carlinhos disse um dia a mamã a seu filho é preciso que te afastes sempre delle o mais possivel é o que eu faço mamã respondeu Carlinhos elle é sempre o primeiro da aula e eu sou o ultimo

5—Ai mamãe que dor que é que te doe é a cabeça ou é a barriga não sei mamãe porque estou no escuro

6—O professor ainda não achou solução deste problema entretanto dei-lhe a chave o alumno é verdade mas não encontro a fechadura

7—O professor Simplicio Junior quaes são os corpos transparentes Simplicio Junior uma grade uma cancella uma grelha o professor victima de uma syncope basta basta

8—Menino faça o pelo signal pelo signal da Santa Cruz livre-nos Deus Nosso Senhor dos nossos inimigos Padre Espirito-Santo e o filho o filho sou eu

9—O filho de Pancracio não desmente o proverbio que diz tal pae tal filho ha dias sua mãe perguntou-lhe que horas eram cinco horas responde o pequeno cinco horas estás doido vae ver outra vez não precisa o relógio marca dez menos cinco e dez menos cinco são cinco

10—Perguntaram ao Carlinhos não gostarias de outros irmãosinhos sim porque porque comeria então mais doces mais doces por força porque porque em lugar de festejarem só o meu anniversario haveria muitos outros

35—Analyse geral dos trabalhos da lição precedente, transformando as phrases que se acham construidas em *discurso directo* para *discurso indirecto* e vice-versa.

# CIDADES DO BRASIL

(Continuação da edição de Fevereiro)

FONTES DE CONSULTA:—1) Album do Pará; 2) Anno Escolar (1908); 3) Calculo approximado; 4) Dr. Theodoro Sampaio; 5) Anno Escolar (1910).

- MAGE'—Cidade do Rio de Janeiro, central, ao sul do Estado, ao norte da Bahia de Guanabara, ao N. E. da Capital, servida por estrada de ferro; a 22° 38' de Lat. S. e a 0° 6' de Long. L. (3)
- MAMANGUAPE—Cidade da Parahyba, central, a L. do Estado e a N. O. da capital, á margem esquerda do rio de seu nome; a 6° 50' de Lat. S. e a 7° 57' de Long. L. (3)
- MANÁUS—Capital do Amazonas, no centro do Estado, mais para léste, antiga *Barra do Rio Negro*, 32 m. de altitude, á margem esquerda do Rio Negro e a 17 km. da sua confluencia com o Rio Solimões; a 3° 8' 4" de Lat. S. e a 16° 50' de Long. O. (5).
- MANICORÉ—Cidade do Amazonas, central, a S. E. do Estado e ao S. O. da capital, á margem direita do rio Madeira; a 5° 45' de Lat. S. e a 17° 48' de Long. O. (3).
- MARACANÃ—Cidade do Pará, maritima, antiga *Cintra*, ao N. E. do Estado e da capital; a 0° 43' 23" de Lat. S. e a 4° 26' 8" de Long. O. (1).
- MARACÁS—Cidade da Bahia, no centro do Estado e a S. O. da capital; á margem direita do rio Jequiriçá, com 1000 m. de altitude; a 13° 30' de Lat. S. e a 2° 30' de Long. L. (3)
- MARAGOGY—Cidade de Alagôas, maritima, ao N. E. do Estado e da capital; a 9° 2' de Lat. S. e a 7° 52' de Long. L. (3)
- MARAGOGYPE—Cidade da Bahia, a L. do Estado e ao N. O. da capital, á margem esquerda do rio Paraguassú, perto de sua foz; a 12° 45' de Lat. S. e a 4' 6' de Long. L. (3).
- MARANGUAPE—Cidade do Ceará, central, ao N. E. do Estado e a S. O. da capital, servida por um ramal de 28 km, ao pé da serra do seu nome; a 3° 52' 40" de Lat. S. e a 4° 42' de Long. L. (2).
- MARAPANIM—Cidade do Pará, maritima, ao N. E. do Estado e da capital, á margem esquerda do rio de seu nome; a 0° 38' 53" de Lat. S. e a 4° 29' 34" de Long. O. (1).

# Ilhas do Brasil

(Continuação da edição de Fevereiro)

## ILHAS DO MARANHÃO

Ilhas	Situação	Ilhas	Situação
Cajú (do)	R. Parnah. (á foz).	Mêdo (do)	B. de S. Marcos (á entrada)
Canarias (de)	« « « «		
Carará	Maritima	Meio (do)	Bahia de S. José
Carapirás (dos)	B. de S. Marcos.	Muluoca	Maritima
Casacoera	Maritima	Pauloja	«
Cavea	«	Pequena	B. de S. Marcos
Curupú	«	Pindaussú	Bahia de S. José
Dois Irmãos	«	Piria	Maritima
Duas Irmãs	B. de S. Marcos	Pirocana	«
Espera (da)	« « « «	Poção (do)	R. Parnahyba (foz)
Jubutiba	Bahia de S. José	Santa Anna	Maritima
Manguença	Bahia do Cabello da Velha (á entrada)	Santa Cruz (da)	R. Parnahyba (foz)
		São João (de)	B. de Turyassú (á entrada)
Marianna	Bahia de São José (á entrada)	São João-Mirim	Maritima
Maranhão (do)	Separada do Continente pelo canal de Mosquito (Maritima)	São Joãozinho	«
		Tauá-Mirim	B. de S. Marcos
		Tauá-Redonda	« « « «
		Taucandeua	Maritima

## ILHAS DO PIAUHY

Grande R. Parnahyba

## ILHAS DO CEARÁ

Cambôa	R. Croahú	Mosquito	R. Acarahú (foz)
Ema	« «	Pontal de Leste	R. Croahú (foz)
Fernando (habitada)	R. Acarahú (foz)	Poró (do)	R. Jaguaribe
Gugira	« « «	Presidio	R. Acarahú
Mangue-Secco	« « «	Russas (das)	R. Jaguarb. (braço)

## ILHAS DE PERNAMBUCO

Fernande Noronha com as suas adjacentes :		Ovos (de)	Maritima
Boldro (do)	Maritima	S. José (de)	«
Cabaludo (do)	«	Sapato	«
Chapéo (do)	«	Ratos (dos)	«
Dois Irmãos (dos)	«	Rasa	«
Espigões (dos)	«	Anna Bezerra (de)	R. Capibaribe
Meio (do)	«	Assumpção	R. S. Francisco
Morro do Suléste	«	Grande	R. S. Francisco
		Itamaracá (d')	Maritima
		Nogueira (do)	«

Ilhas	Situação	Ilhas	Situação
Pontal (do)	R. S. Francisco	Suassuna (do)	R. Capeberibe
S. Aleixo (de)	Maritima	Vargem (da)	R. S. Francisco
Sítio (do)	R. S. Francisco	Pina (do)	R. Capibaribe

### ILHAS DE ALAGOAS

Ferro (do)	R. São Francisco
------------	------------------

### ILHAS DE SERGIPE

Arambipe	R. S. Franc. (foz)	Flor	A' leste do município de Pacatuba
Cabussú (do)	Rio Cotinguiba	Funil	" " " "
Cajueiro	A' L. do município de Pacatuba	Seris (do)	Rio Cotinguiba
Coqueiros (dos)	Formada pelos rios: Sergipe, Japarutuba, Pomonga e o Atlantico.	Veiga (do)	R. Vasa-Barris (foz)

### ILHAS DA BAHIA

Abrolhos com as suas adjacentes:		Forquilha (ilhas da)	Cach. de P. Alfons.
Guarita	Maritima	Gadobravo (do)	R. São Francisco
Redonda	"	Grande	B. de T. os Santos
Santa Barbara	"	Itaparica (d')	" " " "
Seriba	"	Jurema (da)	R. São Francisco
Sueste	"	Kiépe	Maritima
Angical (do)	R. São Francisco	Madre de Deus	B. de T. os Santos
Boipeba (de)	Maritima	Maré	" " " "
Bom Jesus	B. de T. os Santos	Medo (do)	" " " "
Cajahiba	" " " "	Miradouro (do)	R. São Francisco
Cannas (dos)	" " " "	Santa Anna (de)	B. de T. os Santos
Fontes (das)	" " " "	Santo Amaro (de)	" " " "
		Tinharé	Maritima

### ILHAS DO ESPIRITO SANTO

Andorinhas (das)	Maritima	Pancas (das)	R. Doce
Eoi (do)	B. do E. Santo	Piumas (ilhas do)	Maritima
Dourada	Maritima	Raza	"
Esclavada	"	Trindade com suas adjacentes:	Maritima
Frades (dos)	B. do E. Santo	Aracy	"
Francêza	Maritima	Martim-Vaz	"
Guaraparim (ilhas de)	Golfo de Guaraparim (á ent.)	Negra	"
Imperador (do)	Lagôa Juruparanã	Pedra de Tartaruga	"
Jacú	Maritima	Pedras Razas	"
Monzaras	"	Rasa	"
Pacotes (dos)	"	Rocha	"

# CALCULOS MENTAES

Schema para um questionario sobre calculos mentaes:

(Proposto pelo alumno-auxiliar João Ribeiro)

Este trabalho offerece ao alumno verdadeiro conhecimento dos numeros, conduzindo-o a uma resposta reflectida e segura, baseada em simples observação.

Em cada questão só ha um calculo a fazer, dependendo este de simples operações mentaes.

Para applicação do presente *schema*, propomos tomar o Professor qualquer numero (simples ou composto) e seguir o questionario fazendo as questões oportunas a cada resposta dada pelo alumno

Aconselhamos primeiramente a proposição de questões cujos resultados não exedam de 10, podendo o Professor fazer, após exgottado o questionario, numa outra lição, questões com numeros compostos até 100

- o numero immediato superior?
- o " " inferior?
- o " " superior da mesma terminação?
- o " " inferior " " " ?
- o " par immediato superior?
- o " " inferior?
- o " impar " superior?
- o " " inferior?
- o " primo " superior?
- o " " inferior?
- o " " " da mesma terminação?
- o " " superior " " " ?
- o " multiplo " ?
- o " " inferior?
- o " " " da mesma terminação?
- o " " superior " " " ?

- o dobro?
- o triplo?
- o quadruplo?
- o quintuplo?
- o sextuplo?
- o septuplo?
- o octuplo?
- o nonuplo?
- o decuplo?

- a metade?
- a 3.<sup>a</sup> parte?
- a 4.<sup>a</sup> parte?
- a 5.<sup>a</sup> parte?
- a 6.<sup>a</sup> parte?
- a 7.<sup>a</sup> parte?
- a 8.<sup>a</sup> parte?
- a 9.<sup>a</sup> parte?
- a 10.<sup>a</sup> parte?
  
- o complemento?
- o quadrado?
- o cubo?
- a raiz quadrada?
- a « cubica?
- o maior quadrado nelle contido?
- o « cubo « « ?
- o quadrado immediato superior?
- o « « inferior?
- o cubo « superior?
- o « « inferior?
- a somma dos seus algarismos
- a differença « «
- o producto « «
- o quociente « «

## CHRONOLOGIA

### EPHEMERIDES

(Notas dos alumnos, colhidas da imprensa)

#### Março

##### MUNDIAES

18 (?)—Violentissima tempestade no mar de Azoff, onde submergiram-se mais de 150 barcos e pereceram cerca de 3000 pessoas.

22—Formidavel vendaval em toda Hespanha, causando consideraveis prejuizos, principalmente nas provincias maritimas.

26—Fallece em França o poeta Frederic Mistral.

##### NACIONAES

1—Reune-se no Rio de Janeiro a directoria do Club Militar, afim de tratar dos successos do Ceará.

—Realizam-se em toda a Nação as eleições para Presidente e Vice-Prezidentes da Republica, sendo suffragada a chapa Wenceslau-Urbano.

3—Parte do Rio uma divisão da esquadra brasileira com destino a este Estado, composta do cruzador

«Barroso» e dos caça-torpedeiros «Tupy» e «Tamoyo», sob o commando do capm. de mar e guerra Castello Branco.

4—O Presidente da Republica decreta o estado de sitio até 31 do corrente para a Capital Federal, Nicteroy e Petropolis no Estado do Rio.

—Grande *meeting* em Bello Horizonte (Minas Geraes) em favor da causa dos cearenses.

25—Passam em transito para B. Ayres, pelo porto do Rio de Janeiro, os principes Henrique e Helena, da Prussia.

#### CEARENSES

1—Occupação de Quixadá pelos revolucionarios de Juazeiro.

—Organiza-se nesta capital o «Comité Penha», afim de commemorar no 30º dia a morte do bravo soldado abatido no campo da lucta contra os sediciosos do Pe. Cicero.

3—Paralyção da locomoção e trafego da Estrada de Ferro de Baturité, em virtude da falta de garantias que sentem os empregados da mesma estrada na zona invadida pelos jagunços. Os maritimos e os carroceiros abandonam o trabalho, solidarios com os empregados da E. de Ferro.

4—E' posto em liberdade o sargento José Bento, supposto autor da bomba atirada na residencia do cel. Thomaz Cavalcante.

5—O povo arma-se contra invasão dos jagunços.

—Os jagunços partem de Baturité para Redempção, que encontram em completo abandono.

—Afim de impedir a entrada dos jagunços nesta capital, o povo constróe trincheiras nas entradas desta capital.

—A *Light and Power* suspende o trafego dos bonds.

—Fecham-se as repartições publicas, o commercio, os logradouros, as casas de educação, de diversões, etc.

6—Jagunços estacionam em Maracanhú e Maranguape.

—Chega ao porto desta capital o

cruzador «Barroso», da *Divisão do Norte*, commandada pelo capitão de mar e guerra Francisco Burlamaqui Castello Branco. E' commandante do *Barroso* o capm. de mar e guerra Antonio Sampaio.

—Commercio continúa fechado, bem como todas as repartições publicas.

—Paralysado o trafego dos bonds.

—Fallece nesta capital o 1º tenente honorario da armada Francisco José do Nascimento, conhecido por *Chico da Mathilde*, que tomou parte activa na libertação dos escravos do Ceará, merecendo o apelido de «dragão do mar».

7—Continuam os jagunços em Maranguape, Maracanhú e pontos adjacentes, alarmando a população.

—O Coronel Setembrino envia como emissario a Maranguape, onde se acham acampados os revolucionarios, o tenente Cabral com um contingente de 18 praças, em trem expresso, a scientifical-os do telegramma do marechal Hermes determinando que impedisse a entrada dos mesmos nesta capital.

—Os catraieiros em greve difficultam o embarque e desembarque de passageiros do paquete «Manãos», ancorado neste porto.

9—E' decretado pelo Governo da Republica o estado de sitio para este Estado até 31 do corrente.

—Chega ao porto desta capital o caça-torpedeiro «Tupy», que constitue com o «Barroso» e o «Tamoyo», a *Divisão do Norte*. E' seu commandante o capm. de fragata Alberto Carlos da Cunha e tem uma guarnição de 150 homens approximadamente.

—Pelo vapor «Manãos», tomam passagem para o sul da Republica os srs. capitão José Jovino Marques Junior, segundos-tenentes José Polycarpo Cawendish e Sergio Cardim e os aspirantes João Hippolyto Si, mões da Costa e Antonio de Assis Fernandes Tavora, que serviam na guarnição desta capital.

10—Um grupo de 25 jagunços desembarca em Porangaba.

—Commercio continúa fechado—Bonds paralysados.

—Nos consulados e casas particulares dos estrangeiros continuam arvorados os pavilhões das respectivas nacionalidades.

—A população continúa sobressaltada.

11—Os jagunços tomaram os arredores da cidade, privando-a do livre transitio da população.

—Mecejana é invadida pelos jagunços.

—Foram postos em liberdade o capm. Polydoro R. Coelho, dr. Pompeu Pequeno de Souza Brasil e outros que se achavam detidos no Quartel-general por tentativa de revolta contra o governo do Estado.

—A bordo do «Bahia» chegam a esta capital o 2º tenente Flaviano de Brito, que vem servir na 3ª Companhia Isolada de Caçadores, e o 1º tenente Esequiel Medeiros, commandante do contingente do 49º de Caçadores.

12—Pelo Inspector Militar foi nomeado delegado militar desta capital o capm. Felizardo Toscano de Brito.

13—Embarca para o Sul da Republica o capm. Maximino Barreto.

—E' restabelecido o trafego da E. de F. de Baturité, até a estação de Porangaba.

14—Vem á luz da publicidade nesta capital «A Palavra», órgão do Centro Republicano Pro-Franco, sob a direcção politica do cel. João Nogueira Sampaio e redacção de Renato Vianna.

—Transferido para o 2º Regimento de Infantaria da Capital Federal o 1º tenente Virgilio A. Borba.

—Decreto de intervenção do Governo Federal neste Estado, sendo nomeado interventor o cel. Fernando Setembrino de Carvalho. Posse deste no governo do Estado. Protesto do cel. Franco Rabello perante o Juiz Seccional.

—E' exonerado a seu pedido do cargo de director do Lyceu o dr. Ruy Monte, sendo nomeado para substituil-o o dr. Guilherme Moreira da Rocha, que tomou posse.

—Embarca para o Rio de Janeiro com destino a Europa o capitalista desta praça Thomé A. da Motta.

15—O cel. Franco Rabello retirou-

se de Palacio acompanhado de extraordinaria multidão.

—Effectuaram-se diversas prisões, entre as quaes as do deputado estadual João Rocha e do empregado do commercio Bruno Menescai Fiuza.

—Na qualidade de interventor federal, toma posse do governo do Estado, num dos salões do Quartel General, o coronel dr. Setembrino de Carvalho, perante grande assistencia da officialidade das forças federaes estacionadas neste Estado.

—A Assembléa Estadual, reunida na sua séde, resolve suspender seus trabalhos de sessão extraordinaria, protestando contra a intervenção federal.

—Eleição da directoria do «Gremio Litterario Araripe Junior», que ficou assim constituida:

Manoel Alves de Oliveira, presidente; José Portugal, vice-presidente; Hippolyto da Silva Mattos, 1º secretario; Antonio Maia Pereira, 2º secretario; Ruy Garcia Guedes, orador official; Sabino Xavier de Lima, thesoureiro.

—Fallece no Rio de Janeiro o cel. Waldemiro Moreira, cearense, que neste Estado serviu como chefe de policia na administração Bezerril.

16—Chegam do Rio de Janeiro no vapor Olinda os officiaes do Exercito Pantaleão Telles Ferreira e Thiago Bonoso, á disposição do cel. Setembrino de Carvalho.

—A bordo do «Olinda» chega da Bahia o sr. José Freire Hughes, chefe da estação telegraphica desta capital.

17—Pelo sr. Interventor Militar foram nomeados:

Dr. José Lino da Justa, secretario de Estado dos Negocios do Interior; Desembargador João Firmino Dantas Ribeiro, secretario da Fazenda; Dr. Hermino Barroso, secretario da Fazenda; Cel. Casimiro Ribeiro Brasil Montenegro, Intendente Municipal.

18—Uma commissão de socios da «Phenix Caixeiral» entrega ao dr. Franco Rabello o titulo de socio benemerito conferido pela mesma sociedade.

\*  
—As portas da Intendencia Municipal são arrombadas por ordem do capm. Toscano de Britto, á frente de cinquenta praças do exercito.

—Partem para o interior dois trens com o fim de conduzir das estações adjacentes á margem da estrada de ferro os revolucionarios do *padre Cicero*.

—Posse dos secretarios e do intendente municipal nomeados pelo cel. Setembrino.

—Chegam do sul da Republica, a bordo do «S. Paulo», o capm. Francisco de Moraes Cavalcante, commandante da 2.<sup>a</sup> Companhia Isolada da Caçadores, e 2.<sup>o</sup> tenente Tristão Araripe de Farias Filho, do 48.<sup>o</sup> Batalhão de Caçadores.

—E' nomeado director do Lyceu do Ceará pelo Interventor do Governo Federal neste Estado, o dr. Guilherme Moreira da Rocha.

19—Segue para o interior em trem expresso uma expedição de forças do exercito, commandada pelo capm. Polydoro Rodrigues Coelho.

—São presos no edificio da Camara Municipal pelo delegado militar capm. Toscano de Britto, os vereadores José Brazil de Mattos, Emilio Sá e Joaquim Muniz e o intendente da mesma camara cel. Ildefonso Albano.

—O expediente das tres secretarias do Estado passa a ser publicado no jornal «Unitario».

—Chegam a esta capital em trem expresso os chefes do movimento revolucionario do Joaseiro, dr. José de Borba e cel. Pedro Silvino.

—E' preso e recolhido a bordo do cruzador «Barroso», o tenente José Armando de Oliveira, da guarnição federal deste Estado. Correm duas versões que motivaram o acto do cel. Setembrino de Carvalho: ter parlamentado com o cel. Ildefonso Albano, preso incommunicavel; ter protestado contra o acto do capm. Toscano de Britto, que ordenou dissolver a multidão na praça do Ferreira, por cargas de baionetas.

20—O sr. Interventor Federal nomeia em commissões:

O padre Climerio Chaves para a aula suplementar de portuguez do

Lyceu; o dr. João Hippolyto de Azevedo e Sá para o cargo de director da Escola Normal.

21—Nomeados em commissão: o pharmaceutico José de Moraes Studart para a cadeira de physica e chimica e historia natural da E. Normal; o bacharel Antonio Gomes Parente para o cargo de bibliothecario da Faculdade de Direito.

22—Regressa do interior do Estado o capm. Polydoro Rodrigues Coelho, commandando grande contingente de forças federaes.

22—Toma passagem no vapor «Maranhão» com destino ao sul da Republica o deputado estadual dr. Joaquim Pinto Moreira de Souza.

23—Desaba com formidavel ruido o tecto do palacete, em construcção, da Phenix Caixeiral, sahindo feridos alguns operarios.

—Abre-se a 1.<sup>a</sup> sessão do Jury desta capital.

—É nomeado o cidadão José Araripe de Farias para o cargo de secretario da E. Normal.

24—Exequias solemnes em memoria do capm. J. da Penha, morto heroicamente na defeza do Ceará.

—Com destino á capital da Republica embarca no vapor «S. Paulo» o cel. dr. Marcos Franco Rabello, presidente do Estado, acompanhado de sua exma. Familia.

—No mesmo vapor segue com o mesmo destino o dr. José Martins de Freitas, secretario do interior no governo do cel. Franco Rabello.

—Surge nesta capital *O Dia*, de propriedade de Alcides Silva.

25—E' nomeado para o cargo de procurador Fiscal da Fazenda Estadual o dr. José de Borba.

26—Pelo sr. ministro da Guerra foi cassada a licença que tinham como deputados á Assembléa Legislativa Estadual aos deputados tenentes Guilherme Barbosa Fontenelle Bezerril e Augusto Corrêa Lima.

—A bordo do «Bahia» seguem para o Rio de Janeiro o dr. Arthur Cyrillo Freire, deputado estadual, e cel. Joaquim Costa Souza, secretario da Fazenda no governo do cel. Franco Rabello; o cel. José Bruno Menescal, capitalista; o dr. Cesar da Justa Me-

nescal, engenheiro agrônomo; e cel. Emilo Sá, vereador da Camara Municipal desta cidade.

—Chegam do Joazeiro, onde foram tomar parte na pseudo-assembléa, o cel. Affonso Fernandes Vieira e dr. Leonel Chaves.

—E' nomeado o dr. Aurelio de Lavor para o cargo do Inspector de Hygiene desta capital.

28—Banquete no palacete «Guarny» offerecido ao dr. José de Borba

e cel. Pedro Silvino.

—Assume o cargo de promotor de Justiça o dr. Daniel de Queiroz Lima, nomeado pelo sr. Interventor Federal.

31—Apuração da eleição para presidente e vice-presidentes da Republica, sendo este o resultado:

Venceslau Braz	20.229
Ruy Barbosa	101
Urbano Santos	19.934
Alfredo Ellis	81

## BOA LEITURA

DA INTERVENÇÃO À ANARCHIA—E' o titulo de um bem impresso folheto, de autoria do Sr. Alvaro de Lis, escripto em estrophes magistraes e em estylo moderno e dum rigorismo irreprehensível, donde se deprehen- de que o autor é um fino cultor do verso.

O producto desse trabalho, como se vê á margem inferior da ultima pagina, será applicado em favor do monumento J. da Penha, que vae ser erigido nesta capital, revelando assim o altruismo e a nobreza dos sentimentos de seu digno autor.

Ao Sr. Alvaro Lis, agradecemos sinceramente a offerta do exemplar com que nos distinguiu.

ORIENTE DE NATAL—orgão maçônico sob os auspícios da Delegacia do Grão Mestre, confiado á redacção de Honorio Carrilho, Ivo Filho e Luiz Antonio. Devemos á gentileza do nosso illustre correspondente, Dr. Nestor dos Santos Lima que com inconfutavel merecimento e provada competencia exerce no Estado visinho os cargos de Director da Escola Normal e do Grupo Escolar «Augusto Severo», o recebimento do «Oriente de Natal», onde vem lançada com sua penna de mestre uma bella exposição do modo de reorganisação da Escola Normal, collocada hoje «num destaque algo original entre as suas similares do paiz, excepção feita apenas de S. Paulo.

Ao dr. Nestor Lima somos gratos ainda pelas lisongeras referencias

que de nós fez por seu intermedio o respeitavel orgão da imprensa poty-guar.

CHRYSANTHEMO—publicação mensal, orgão do Gabinete de Leitura Camocinense, de Camocim, deste Estado. Por Julio Cicero Monteiro, nosso incançavel collaborador que illustra as columnas da REVISTA ESCOLAR com o seu interminavel e interessante IDIOMA RUSTICO, vem bem riscado o plano do novo orgão do Gabinete de Leitura e o seu lemma, muito significativo, «Gutta cavat lapidem». Está bem variado em suas sessões o *Chrysanthemo*. Ao seu digno gerente F. Menescal Carneiro a quem muito deve o Gabinete de Leitura toda pujança de que se sente possuído, levamos nestas ligeiras linhas a expressão sincera da nossa admiração.

A *Revista Escolar* muito se ufana das boas relações com o novo paladino da bella cidade nortista.

RELATORIO—apresentado ao Exmo. Snr. Ministro da Agricultura, Industria e Commercio pelo director da Escola de Aprendizizes Artifices do Ceará, sr. Carlos Torres Camara —em 5 de Fevereiro do corrente anno e PROGRAMMA de Ensino dos Cursos e Officinas da Escola de Aprendizizes Artifices do Ceará.

Grato, retribuir emos a lembrança.

TRECHOS — (Chronicas publicadas no «Minas Geraes» e no «Diario de Minas») por Azeredo Netto. Foi-nos

gentilmente offerecido pelo illustre homem de letras, professor Amedée Péret, um exemplar desta obra de primoroso jornalista, onde com pena aparada e em estylo correcto e fluente discorre sobre assumptos variados, sempre com o criterio e bom-senso exigidos de todos os que se dedicam á imprensa no elevado desejo de orientar a opinião do publico.

E' bem certo que de um jornalista, na expressão mesma da palavra, não se deve reclamar tão simplesmente a linguagem insinuante e elegancia de fórma; é preciso mais exigir, porque se faz mistér a consciencia do magno papel que desempenha e da responsabilidade que lhe peza por tudo que escreve e atira á avidéz dos que lêem. Azeredo Netto reúne á fluente linguagem com que tanto agrada pela cadencia e dulçor da phrase sempre

polida, um elevado criterio, não commum nestes tempos de leviandades e bisbilhotices. Trata de assumpto sérios, discorre sobre themas de geral interesse e deixa de parte tanta inutilidade de que innumerous jornaes se recheiam.

Aqui agradecemos ao distincto amigo A. Péret a offerta do interessante trabalho com que nos penhorou sobremodo, e aproveitando o opportuno ensejo levamos os parabens ao esperançoso jornalista, Azeredo Netto, pelas provas que dá do seu formoso talento e nobres dotes moraes do seu espirito.

MEMORIA—del Secretario de Estado en el despanho de Instrucción Publica dr. Mariano Vasquez, presentada al Congresso Nacional—1911—1912—Republica de Honduras—Centro America. Tegucigalpa.

(Continúa)

## Notas diversas

SOCIO CORRESPONDENTE.—Do digno secretario do Instituto Historico e Geographico de Minas, professor Luiz Pessanha, que em Bello Horizonte occupa logar de destaque no magisterio publico, acaba de receber o nosso presado director a communicação seguinte:

### «Instituto Historico e Geographico de Minas

Exmo Snr. Professor Joaquim da Costa Nogueira  
Fortaleza—Ceará

Da parte do Presidente do Instituto Historico e Geographico de Minas, tenho a honra de commuicar a V. Exa., que em sessão realisada no dia 1º do corrente mez, foi V. Exa. eleito socio correspondente.

O Instituto congratulando-se com V. Exa. espera sua valiosa e efficaz collaboração.

Bello Horizonte, 2 de Fevereiro de 1914

LUIZ PESSANHA, Secretario»

Muitas secções deixam de figurar na presente edição, por falta de espaço e de tempo, do que pedimos mil desculpas aos interessados.

A Redacção

# Unidos da America do Norte

## Pensionato Tutelar Brasileiro

EM MOUNT - VERNON

residencia suburbana de NEW-YORK

### Regras

Preços ajustados

### Penalidades

#### *Categorias de tutelados*

- 1ª categoria — residentes no pensionato central
- 2ª categoria — residentes em outras pensões
- 3ª categoria — internados em collegios

### Despesas permanentes

1ª categoria 10 %; 2ª categoria 20 %; 3ª categoria 15 %—sobre as *DES-  
PENSAS* do tutelado—as extraordinarias não são taxadas.  
Considerem ás vantagens da direcção e inspecção dos tu-  
telados aos paes, na distancia em que se acham dos filhos  
e as analogas áquellas que são dadas a quem inspecion,  
muito menos importante e de menos consequencias da  
educação dos filhos, pode-se dizer que as porcentagens acima  
serão custeadas pela economia resultante da propria bôa direcção das des-  
pesas, e da assistencia dos tutelados nestas, como os encarregados timbra-  
rão em conseguir.

### Joia ( de uma só vez )

1ª categoria 200\$000; 2ª categoria 100\$000; 3ª categoria 50\$000.

### Despesas ordinarias

Os tutelados da 1ª categoria terão, incluindo-se a commissão, uma des-  
pesa mensal, paga trimensalmente pela pensão, educação e ensino, de do-  
lars \$97 ou de 300\$000.

Os da 2ª categoria, incluída a commissão, pagarão mais ou menos de  
dolars \$97 ou de 300\$000, conforme a classe da pensão escolhida.

Os tutelados da 3ª categoria pagarão a commissão sobre a annuidade  
do collegio, a qual, conforme a classe do mesmo collegio, pode ser de dolars  
\$1.500 ou \$1.000. ou \$750.

### Despesas extraordinarias

São as de enxoval, livros, tratamento de molestias, etc.  
Para estas, bem como para os pagamentos trimensaes das despesas ordi-  
narias, os Srs. paes dos alumnos devem ter correspondentes em New-  
York, ou enviarem com um trimestre de antecipação, os fundos necesarios

Informações no Brazil. S. PAULO capital  
Rua José Bonifacio, 7 :: Telephone N.º 2097

1º andar com o  
Dr. Rocha Bressane

SÉDE: STATE S

(Junto ao Cons

NEW YO

**I**NFORMAÇÕES sobre estabelecimentos de ensino Americano;=

— AGENCIAMENTO de recursos, livros, material escolar que se relaciona com a educação e como impressões de obras, etc.;=

— COLLOCAÇÃO de estudantes brasileiros e assistencia aos mesmos, em estabelecimentos de ensino, pensionatos escolares, pensões familiares, boletins de informações aos paes, etc.:

— RELATORIOS aos governos e particulares sobre processos, methods, organização escolar e instituições de ensino Americano;=

— REPRESENTAÇÃO e agenciamento de outras especies de negocios, para desenvolvimento das relações entre o Brazil e os Estados Unidos da America do Norte.=

Representante em SÃO PAULO  
CAPITAL

Dr. Joaquim da Rocha Bressane

Rua José Bonifacio, 7-1º andar telephone 2097

Representante no RIO DE JANEIRO  
CAPITAL FEDERAL

Dr. Arthur Thiré

Internato Pedro II.- Campo de S. Christovam

Representante no CEARA  
FORTALEZA

Joaquim da Costa Nogueira

Instituto de Humanidades  
Rua Senna Madureira, 113 A